

## MULHERES E CIDADES: ALIANÇAS INTEMPORAIS

WOMEN AND CITIES: TIMELESS ALLIANCES

Em primeiro lugar cumpre-nos agradecer a oportunidade de trazer o tema “mulheres e cidades” para o dossiê de uma revista tão prestigiada, como a *Revista Ártemis*, com uma linha editorial que, de tão bem delineada, chega a parecer traçada a esquadro e compasso, sedimentada e fortalecida ao longo dos anos, no âmbito dos Estudos de Gênero, ostentando assumidamente *Feminismo e Sexualidades* como complemento de título. A primeira edição a surgir impressa data de 2012 mas a sua história é mais antiga, obrigando a fixar-lhe o nascimento em 2004, ainda que só em versão digital. É, pois, no panorama das revistas científicas, muito significativa a precocidade com que convoca à escrita e à leitura no(s) campo(s) epistemológico(s) assinalado(s), hoje tão (mais?) premente(s).

Mais uma razão para nos sentirmos distinguidas pelo convite que nos dirigiram as editoras e colegas, Luciana Deplagne, Liane Schneider e Loreley Garcia, num Verão atípico.

O repto lançado foi irresistível e simultaneamente também desafiador, em virtude de o calendário assinalar um dos mais complexos e problemáticos anos dos últimos tempos. 2020 para sempre ficará com o estigma de uma pandemia semelhante a uma qualquer distopia face à realidade vivida, em simultâneo, nos 4 cantos do mundo. A título de exemplo, privilegiando a marca de “Autoria Feminina” trazemos à colação a célebre escritora Mary Shelley (1797-1851), evocando desta a obra de ficção científica, concebida em 1818, para a qual cria um cenário, idealizado no século XIX, debaixo do título **The Last Man**, apontando para um momento, num futuro longínquo, situado no Século XXI em que hoje vivemos e nos remete (em ambos os casos, passado e presente), para uma visão apocalíptica na qual somos partícipes de um flagelo, ainda sem desfecho favorável garantido, e em qualquer dos casos hipotecando o futuro próximo<sup>1</sup>.

É nesta agonia dos tempos modernos que vemos surgir, dia após dia, cenários dantescos, faustianos, não mais ficcionados mas desta feita reais, exibindo um “novo normal” com o qual é tão difícil lidar. Resta-nos o bom combate e o acreditar na

---

<sup>1</sup> Veja-se a este propósito a tese de doutoramento defendida, na UFPB, em Dezembro de 2020, por Janile Pequeno Soares, sob orientação de Luciane Deplagne, coorientada por Isabel Lousada, intitulada – **O ÚLTIMO HOMEM (1826): DISTOPISMO E PROFECIA FEMININA NO ROMANCE DE MARY SHELLEY, à luz da crítica feminista.**

---

**Isabel Lousada**

Universidade Nova de Lisboa. CICS.NOVA. Email: isabel.lousada@fcsh.unl.pt

**Zsuzsanna Varga**

University of Glasgow. Email: Zsuzsanna.Varga@glasgow.ac.uk

transmutação de um planeta que vem sendo há séculos maltratado pelo seu mais evoluído habitante – o ser humano. Deste ser humano, no qual a natureza parece conluiar-se com microrganismos e toda uma gama de vírus de cuja compleição não há memória, nada restará, se não se operar uma mudança drástica, impondo limites ao maior predador da sua espécie, que é dizer – ele próprio. Humanidade em derrocada deixando, fruto do seu egoísmo, privar gerações futuras da existência... Destino mais cruel que deixar-se tomar por sua própria força nefasta e avassaladora não merecia o simples mortal! E é precisamente de um firme propósito de renovação que a humanidade, mais do que nunca, necessita. Celebrados que foram os 70 anos da assinatura da Declaração dos Direitos Humanos urge resgatar os princípios mais elementares de respeito pelos Direitos não esquecendo que estes são inalienáveis e carecem da reciprocidade dos Deveres<sup>2</sup> que cabem a todos e a cada um/a de nós. Bem perto do Solstício de Inverno e da passagem para um novo ano, ousemos colocar a fraternidade e a sororidade em ação rumo a um outro tempo e a uma nova era. Lembrando as palavras de José Saramago proferidas aquando da atribuição do Prémio Nobel da Literatura:

Tomemos então nós, cidadãos comuns, a palavra: Com a mesma veemência com que reivindicamos os direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez assim o mundo possa ser um pouco melhor.<sup>3</sup>

Com o dossiê organizado para este 30.<sup>a</sup> volume (o segundo a vir a lume em 2020), pretendemos ocupar-nos com o registo polifónico suscitado pela combinatória “Mulheres e Cidades”, preconizado na CPT (chamada para trabalhos,) e na qual se explicitava:

Retomando temas de *A cidade das Damas*, da autoria de Christine de Pizan, pretendemos questionar e refletir em torno da cidade, a de então idealizada em 1405, passando pelas de outros tempos vindo até aos nossos dias. Que cidade(s) poderá/poderão ser favorável/favoráveis à ideia de inclusão e diálogo de e para mulheres? Que espaços lhes foram ao longo do tempo oferecidos ou ao invés disso neles foi recusada a entrada ou mesmo foram erigidas as grades e os muros em que as enclausuravam? De que tipo e quais foram as mulheres construtoras, as arquitectas tecendo em papel e palavras, ou bordando em tecituras que suas mãos materializaram, desenhando, escrevendo, rasurando, costurando, cerzindo ou idealizando? “Mulheres e Cidades” 1– o mote para os ensaios a serem submetidos a este volume da *Revista*

<sup>2</sup> Cf. **Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos**, 2017. Disponível em: <https://catedrasaramago.webs.uvigo.gal/Uploads/archivos/declaracao-deveres-humanos-pt-paginada-75e997-cff5ao.pdf>

<sup>3</sup> Em 1998, Estocolmo.

Ártemis pelo viés da inter e da transdisciplinaridade histórica, política, cultural, artística, social.

A resposta não se fez esperar e após um aturado processo de selecção e revisão<sup>4</sup> chegámos a um conjunto expressivo de contributos como aquele que o sumário deixa de imediato transparecer:

**“La Cité des Dames e o triunfo das mulheres de Christine de Pizan: aspectos de uma cidade feminina fundada na demolição do legado da misoginia medieval”**

Escrito por Pedro Louzada Fonseca, o artigo inaugural propõe uma abordagem intertextual para interrogar e reflectir sobre a ideia de cidade patente na obra idealizada em 1405, por uma mulher, com o propósito de dialogar sobre a construção dessa cidade feminina a partir de uma leitura crítica ressignificante das realidades das mulheres pela ideologia da misoginia medieval. A literatura coeva é nesse sentido escrutinada por Louzada na obra escolhida de Christine de Pizan.

**“A Cidade das mulheres em *Quincas Berro d’Água*: Representações femininas em narrativas de Jorge Amado”**

Segue-se ao texto de abertura, o ensaio de três autores, Livia Santos, Carlos Magalhães e Márcia Rios Silva que se detêm na análise da obra em epígrafe do consagrado escritor brasileiro Jorge Amado. Nesta passagem dá-se o maior salto temporal, já que da Idade Média se passa para a década de sessenta do século XX e, mudando de época, muda também a voz da narrativa que passa de feminina a masculina. A cidade das mulheres resulta do estudo efectuado pelo viés da literatura e da sociologia, identificando a materialização de constructos sociais ligados a mecanismos de poder e controle exercidos na sociedade urbana de Salvador. Um retrato das relações de trabalho, políticas, culturais, simbólicas e afectivas nos é dado trazendo à luz a marca das múltiplas discriminações no cruzamento de raça e gênero. O enfrentamento e a contestação de padrões normativos são evidenciados pelos contornos diferenciados nas personagens femininas em questão. Interessante esta mudança de voz em termos de autoria e de lugar de fala.

---

4 Uma nota de apreço deve ser registada, a fim de nos congratularmos pela disponibilidade, cuidado e profissionalismo demonstrados nas diferentes fases de revisão por Luís Pinheiro, Evelin Guedes, Daniel Mineiro, sem os quais não teria sido viável uma atempada construção do *corpus* e sua verificação por parte da(o)s autores.

## “Mujeres construyendo ciudad desde el arte contemporáneo”

Com Juan-Ramón Barbancho somos conduzida(o)s para um outro registo cujo ponto de partida já não é uma obra literária mas antes o nosso campo de observação e trabalho. Entrando neste terceiro ensaio somos chamados a um movimento de descentramento. Olhar a cidade e ver a realidade circundante, eis o que nos é sugerido. Ir ao encontro das marcas de transformação, as alterações nem sempre desejadas e sequer benfazejas, cicatrizes, diríamos nós, mas levadas a cabo por razões de ordem socioeconómica, por via das políticas públicas e as inerentes consequências, e equacionar e questionar essas ondas e o impacto sobre as cidadãs e os cidadãos que habitam a cidade, é o repto do ensaio em análise. Privilegiando um grupo de mulheres artistas de intervenção no terreno apresenta-nos a arte segundo um outro prisma, desta feita ao serviço da construção social.

Juan-Rámon tem uma proposta que passa por uma aproximação feita através da arte e especificamente a de autoria feminina, pela escolha que fez das mulheres artistas que tráz para mais perto, implicando-as até pela leitura que nos oferece, numa visão (re)conversão da arte como instrumento de intervenção política e social, como que prefigurando um movimento de resgate e de inclusão no terreno, contrariando práticas ostracizantes e de desenraizamento.

## “Componerse con la ciudad: los paseos sonoros de Hildergard Westerkamp, Christina Kubisch y Janet Cardiff”

É ainda no domínio artístico que nos situamos ao ler o quarto artigo, assinado por Susana Jiménez Carmona, e no mesmo intervalo temporal, tendo em linha de conta que as três autoras aqui estudadas, Westerkamp, Kubisch e Cardiff nos mantêm na contemporaneidade. Porém, é-nos solicitado também, um movimento, mas desta vez para passar do olhar-ver para o escutar-ouvir.

O termo “passeios sonoros”, tal como nos informa a autora, foi cunhado por Westerkamp, pretendendo com ele introduzir o conceito de “sair para escutar”. Esse propósito por si só já seria desejável e válido para contrariar as “bolhas “em que vivemos. Porém, Susana vai mais longe mostrando como, em patamares diferentes, o cuidado em ouvir e a tentativa de tomar consciência e apercebermo-nos dos sons que ecoam e nos incomodam nas cidades é um passo fundamental e ecológico. Esta poderá ser uma nova forma de aprendizagem e mesmo de apropriação de espaços citadinos, proposta inerente ao *audio walk*, doravante um conceito a pôr em marcha, pela cidade, pelo ambiente e pela nossa vida. No meio do ruído ensurdecedor e insano do quotidiano das grandes metrópoles somos chamados a um movimento de observação e escuta como hipótese de nos sentirmos parte integrante e em comunhão com os espaços que constituem a malha urbana para dela sermos também zeladores.

## “A ‘mulher de dois tempos’ e representações de gênero na comunidade quilombola do Ariramba”

O quinto artigo, mantendo a linha do tempo presente situa-se na zona de intersecção com um conceito mais alargado de comunidade que nos ofereceu uma possibilidade de diálogos interdisciplinares importantes.

O artigo assinado por Luciana Carvalho e Laiane de Castro tem por base um trabalho realizado junto à comunidade localizada no oeste do Pará e, como referem as autoras, trata da história de vida e das relações de gênero de uma mulher, Josélia, tendo sido usado o método de entrevista para poder ser oferecido o resultado que aqui apresentam. Em rigor, a comunidade remanescente de quilombo do Ariramba, situada na fronteira entre Óbidos e Oriximiná, é o local da pesquisa tendo envolvido observação direta de actividades diárias e entrevistas. É interessante verificar através deste estudo uma permanência de lugares de subalternidade e de afirmação da/s mulher/es nessa comunidade, sendo valorizado além do papel de cuidadora da família, mãe, esposa, dona de casa, o de ombrear com o marido em outras tantas tarefas, na roça. Tal facto coaduna-se com o tópico actualmente designado por “conciliação”. Matéria para reflexão e estudos complementares à luz deste documentado artigo.

## “As mulheres jovens na luta pela cidade: uma análise de ocupações secundaristas”

De uma comunidade rural passamos então ao contraponto, voltando à cidade. Quantas vezes nos interrogamos sobre o lugar das mulheres na cidade? A acção Cost 18204 “Dynamics of Placemaking and Digitization of Europe’s Cities”<sup>5</sup> é uma rede europeia e tem procurado não descurar as questões de gênero a par das especificidades que o projecto contempla e a Associação de Mulheres na Arquitectura<sup>6</sup>, a nível nacional tem, desde 2017, levantado questões análogas visando o desenho, o planeamento e a vivência de cidades mais inclusivas. De acordo com a expressão *Women Friendly Cities*<sup>7</sup>

Hugo de Oliveira, Lorena de Oliveira e Eliane Gonçalves centram o seu ensaio num tópico fundamental que visa enquadrar e reflectir sobre o direito à cidade numa perspectiva feminista e interseccional considerando classe e gênero mas acrescentando-lhe também geração, tal como o título deixa antever.

5 Em curso e à qual pertencemos ambas organizadoras do dossiê. Dynamics of Placemaking (placemakingdynamics.eu)

6 A AMA - Associação Mulheres na Arquitectura, criada em 2017 “visa a reflexão e a acção no âmbito da equidade de gênero nas várias práticas implicadas no fazer arquitectura, cidade e território.” v. <https://www.facebook.com/mulheresnaarquitectura/>

7 V. *Women Friendly Cities*

A Marcha das Vadias serviu de pano de fundo para um questionamento em torno da pergunta: Como lutam as jovens mulheres pela e na cidade? Fruto das entrevistas efectuadas é-nos dado um artigo com dados bastante recentes (2016-2017).

### “Mobilidade urbana e gênero: pistas sobre a cidade heterogênea”

Anderson de Andrade Silva, Cândida Bezerra Dantas, Magda Bezerra Dimenstein apresentam o penúltimo artigo com uma temática bastante actual, mostrando o quanto a assimetria de gênero se faz sentir no espaço urbano. Estes três autores, com formação na área da sociologia, analisam um *corpus* com 35 artigos selecionados a partir de plataformas científicas digitais e em livre acesso, como a Scielo.

A amostra é significativa para as conclusões, o que nos permite ter uma ideia mais fundamentada para a diferença de mobilidade urbana entre mulheres e homens reproduzindo a lógica da “dominação masculina” para utilizar o termo cunhado por Bourdieu.

### “D’un toit à l’autre, la lune: la ville dans le haïku de femmes”

A fechar surge então o ensaio de Zlatka Valtcheva. Com obra publicada e especialmente dedicada ao haiku, este texto fornece matéria que serve o propósito de esclarecer as questões relacionadas ao gênero japonês que introduz. Em seguida, a autora oferece-nos um passeio (com outra sonoridade que não *audio walk*) por composições escritas por mulheres sobre cidades. Um repertório invejável, permitindo a fruição e o deleite de uma arte poética de tradição nipônica com expansão europeia.

No cômputo geral, compilar os trabalhos agora apresentados, permitiu oferecer às/aos leitora(e)s efectuar(em) uma viagem com itinerário inédito e instigante. Convenhamos que não é vulgar perspectivar a Cidade como se num espelho poliédrico, ao longo de oito artigos que cobrem um período de tempo tão vasto quanto o intervalo de seis séculos, que leva da Idade Média (1405) à contemporaneidade (2020). A pluralidade de ensaios recolhidos, aliada à diversidade de períodos neles contemplados, complexificou a disposição dos ensaios, a ordenação do conjunto. Sendo certo que o critério subjacente deveria assegurar um fio harmonioso atendendo à linha do tempo, capaz de conduzir, quer se optasse por uma leitura completa em modo sequencial ou, em contrapartida, por uma leitura orientada por épocas, ou outras. No fundo e na prática as escolhas determinam sempre o resultado obtido e ao não termos delimitado áreas específicas estávamos cientes dos riscos perante a multiplicidade na resposta à chamada para o nosso dossiê.

Porém, acreditamos hoje ter sido vantajosa a opção feita, face à riqueza traduzida por um leque bastante representativo do manancial que a conjugação de um binómio como o nosso: “mulher” + “cidade”, permite. Estamos, contudo, certas de que muitas outras combinatórias se perfilam não ficando de modo algum o assunto esgotado, assim como sequer poderia ter sido esse o nosso propósito inicial. Em suma, o dossiê está organizado seguindo a época e /ou data, a que reportam os textos, partindo do mais antigo para o mais recente.

Do passado para o presente quais as diferentes configurações que se nos apresentam?

Desde logo a obra de Christine de Pizan, colocada em foco a abrir o volume, serve de moldura para enquadrar as viagens outras, possíveis e desejáveis, pelos domínios da Literatura e das personagens na ficção, pela História da Arte, pela intervenção artística no terreno como meio de combate à exclusão entre outros já considerados.

Para quem pretender aprofundar o tópico deixamos referências, no final do documento, para que possam, querendo, atentar nas leituras de textos especialmente selecionados para o efeito.

Por último refira-se que na secção “ Resenhas ” é apresentada uma resensão crítica da obra assinada por Zlatka Timenova e Alexandra Ivoylova, através da lente do inconfundível escritor português, Rui Zink, que nos oferece trocadilhos em forma de prosa poética acerca do tema, das autoras e das (suas) cidades como, aliás, convocava a CPT (chamada para trabalhos) deste dossiê, que circulou amplamente em versão francesa, inglesa e portuguesa<sup>8</sup>.

*City of Words* (Cidade das Palavras) é um livro editado no corrente ano, que merece ser destacado, não só por ser recente mas, sobretudo, pelo universo lato de leitores e leitoras tangíveis já que se apresenta em versão trilingue (em búlgaro, chinês e inglês) pensando na(o)s apreciadora(e)s de poesia e, muito em especial, do género Haiku. Para nós um género muito peculiar já que representa uma síntese, de tal forma depurada e decantada que é a essência do olhar poético por excelência a tocar-nos.

A ler, portanto.

Dezembro 2020

---

8 A título de exemplo referimos a divulgação pelo site da EPWS – European Platform of Women Scientists: Call for papers - Ártemis XXX Women and Cities | December 2020 (epws.org)

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Lisboa: Relógio d'Água, 2013.
- Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos**, 31 de jul. 2017. Disponível em: <https://catedrasaramago.webs.uvigo.gal/Uploads/archivos/declaracao-deveres-humanos-pt-paginada-75e997-cff5ao.pdf>. Acesso em 19 de dez. 2020.
- COX, Elizabeth; UNDERHILL-SEM, Yvonne. Women, Urban Life and Safe Cities. **Development**, v. 54 (3), p. 301-304, 2011.
- ENTWISTLE, Alice. Contemporary Women's Poetry and Urban Space: Experimental Cities. **Contemporary Women's Writing**, v. 9 (1), p. 157-158, 2015.
- JOSEPH, Cynthia *et al.* Gender, culture and work in global cities: Researching 'transnational' women. **Women's Studies International Forum**, vol. 36, p. 1-4, jan. 2013.
- LITTLE, Jo *et al.* **Women in cities: gender and urban development**. Basingstoke: Macmillan, 1988.
- LOUSADA, Isabel; CANTARIN, Márcio (Orgs.). **As mulheres no mundo da Ciência e do Trabalho**: Reflexões sobre um saber-fazer. Curitiba: Appris, 2020.
- PIZAN, C. **A Cidade das Damas**. (Trad. e apresentação brasileira de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne). Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.
- RUSCONI, Isabella Noronha. Architectas: Modos de (R)Existir. Reflexões a partir de um ciclo de conversas: editado por Patrícia Santos Pedrosa, Joana Pestana Lages e Lia Antunes. Lisboa: Mulheres na Arquitectura, 2018, 100 pp. **Ex aequo**, n. 40, p. 167-170, dez. 2019. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So874-55602019000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So874-55602019000200013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 19 de dez. 2020.
- SHELLEY, Mary. **The Last Man**. Ed. bilíngue. (Trad. de Marcella Machado C. Furtado). São Paulo: Editora Landmark, 2007.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, n. 2, p. 19, 1989.
- SOARES, Janile Pequeno. **O Último Homem (1826): Distopismo e profecia feminina no romance de Mary Shelley, à luz da crítica feminista**. Dissertação de doutoramento (texto policopiado), PPGL – UFPB, Paraíba, 2020.



SOTO, Paula. Cidade, Gênero e Interseccionalidades. **Podcast Pela Cidade**, LabCidade (FAU-USP), 2019 Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/59vhVJbV7JlbaxXpIPDFeS?go=1&utm\\_source=embed\\_v3&t=o&nd=1](https://open.spotify.com/episode/59vhVJbV7JlbaxXpIPDFeS?go=1&utm_source=embed_v3&t=o&nd=1) Acesso em 30 de nov de 2020.

SOUZA, CarolinaA. Espaços públicos... para quem?. **Blog Não Me Kahlo** (naomekahlo.com), 2020. Acesso em 3 de set. 2020

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. VASCONCELOS, Pedro; CORRÊA, Roberto; PINTAUDI, Silvana (Org.). **A Cidade Contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

WILSON, Elizabeth. **The Contradictions of Culture: Cities, Culture, Women**. London: Sage, 2001.